

INCLUSÃO E SAÚDE MENTAL: VIVÊNCIAS ESCOLARES DE UM ALUNO EM SOFRIMENTO PSÍQUICO DA ESCOLA NOVA ALIANÇA EM BELÉM/PA

Eliana de Jesus de Souza Lemos¹
Helen do Socorro Rodrigues Dias²
José Anchieta de Oliveira Bentes³

RESUMO

O objetivo do presente estudo consiste em analisar como uma criança, educanda da Escola Nova Aliança, em Belém do Pará, identifica, explica e lida com seu sofrimento psíquico, bem como este interfere em seu processo de ensino aprendizagem, levando-se em consideração o binômio inclusão e exclusão social e escolar. Para a realização do trabalho no campo foi usada a metodologia de Narrativas de Vida (BERTAUX, 2010), que consiste no relato que uma pessoa faz sobre sua experiência de vida de forma oral. O método corresponde ao estudo de um relato oral, diacrônico e orientado, que se desenvolve em torno de um eixo do percurso vivido em que se encadeiam eventos, ações e interações sociais caracterizados pela forma narrativa de um fragmento das experiências vividas. Os resultados parciais indicam que João identifica o barulho como fator que atravessa seu processo de ensino aprendizagem e a dificuldade de se sentir confiante para falar com as pessoas com quem convivia no ambiente escolar. Traz como explicação para suas experiências o fato de “não conhecer as pessoas”. Quanto à forma como João lida com essas experiências, com o suporte da entrevista com a mãe de João, Bruna, podemos observar que João se relaciona apenas com os aspectos positivos de sua experiência. Assim, pudemos, ao escutar a narrativa de João, identificar as interligações que o binômio inclusão e exclusão exercem sobre sua vida.

Palavras-chave: Narrativas de vida, Crianças, Saúde Mental, Educação, Inclusão. Exclusão.

INTRODUÇÃO

A saúde mental é um fenômeno multidimensional e é definida pela organização Mundial de Saúde – OMS, como “um estado de bem-estar, no qual o indivíduo percebe suas próprias habilidades, lida com estresses cotidianos e contribui para a sua comunidade”. Por outro lado, quando a criança manifesta sofrimento psíquico, sua saúde mental fica comprometida e apresenta estados que podem trazer efeitos significativos no seu desenvolvimento, nas suas atividades e nas relações cotidianas (CANTWELL, 1999).

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, de 10 a 20% das crianças de todo o globo apresentam algum quadro de afecção mental. No Brasil, como os dos estudos

¹ Doutoranda em Educação Universidade do Estado do Pará - UEPA, eliana.jcs@gmail.com;

² Doutoranda em Educação Universidade do Estado do Pará - UEPA, helensrdias@yahoo.com.br;

³ Professor orientador: Doutor em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, anchieta2005@yahoo.com.br.

epistemológicos levantados por FATORI et al (2016), estes números aumentam para 10 a 25%, o que conota um quadro preocupante.

O sofrimento psíquico é um quadro com consequências nos aspectos afetivos, cognitivo, comportamentais e motivacionais das crianças, aspectos que estão diretamente ligados ao processo de ensino aprendizagem.

Com relação aos aspectos afetivos, as situações de vida complexa, requerem respostas que exigem uma coordenação entre as emoções e nossa percepção racional e lógica da realidade, quadros de adoecimento psicológico, levam a uma alteração desta coordenação. Se levarmos em consideração que o aprendizado envolve este processo mental intrincado, a dificuldade neste campo é inevitável (FONSECA, 2016).

No que tange em relação a cognição, o sofrimento psíquico pode interferir na aprendizagem pois funções cognitivas muito importantes para tal, como a atenção, a memória e o raciocínio são muito sensíveis ao adoecimento mental e são diretamente afetados por este (SANTOS, VASQUES e AZEVEDO, 2022).

No que diz respeito ao comportamento comumente manifestados nos casos de sofrimento psíquico ou transtorno mental como desatenção e agitação, mutismo seletivo, agressividade, irritabilidade, choro, entre outros, se apresentam como barreiras acadêmicas uma vez que geram desregulação no fluxo do aprendizado. (ROCHA et al, 2013; KENDALL e COMER, 2010).

Um ponto a ser destacado é o fato de muitas crianças em sofrimento psíquico não apresentarem déficit intelectual, mas sua dificuldade de aprendizado está a falta de motivação e interesse nas atividades escolares (NORONHA, GOMES e YAMAGUCHI, 2022).

Diante do exposto o objetivo deste trabalho é analisar como uma criança, educanda da Escola Nova Aliança, em Belém do Pará, identifica, explica e lida com seu sofrimento psíquico, bem como este interfere em seu processo de ensino aprendizagem, levando-se em consideração o binômio inclusão e exclusão social e escolar.

METODOLOGIA

Para a realização do trabalho no campo será usada a metodologia de Narrativas de Vida (BERTAUX, 2010, p. 49), que consiste no relato que uma pessoa faz sobre sua experiência de vida, de “forma oral e mais espontânea”. Corresponde ao estudo de um relato oral, diacrônico e orientado, que se desenvolve em torno de um eixo do percurso vivido em que se encadeiam os eventos, ações e as interações sociais caracterizadas pela descrição, sob a forma narrativa de

um fragmento das experiências vividas. No discurso diacrônico, o narrador “[...] ordena os pontos salientes de sua história em função de sua crônica pessoal, e não de uma simples cronologia factual” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 287).

O *locus* da pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Infantil Nova Aliança, na cidade de Belém, estado do Pará. Os Interlocutores da pesquisa foram cinco crianças, idades entre 07 e 11 anos, suas narrativas foram coletadas entre março e setembro de 2022. Foram também realizadas entrevistas com os pais e responsáveis das crianças para contextualização de suas narrativas. As técnicas de análise dos dados a serem empregadas serão a análise compreensiva, que consiste em explicitar as informações e significações pertinentes em cada narrativa. Em seguida será realizada uma análise comparativa, que consiste em explicitar as informações e significações pertinentes contidas nas narrativas, fazendo um enlace entre elas (BERTAUX, 2010).

Quanto aos Cuidados éticos, o trabalho foi submetido na Plataforma Brasil ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e aprovado através do Parecer nº 5.615.407. Foi empregado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido- TALE (crianças), e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (pais). O TALE foi construído em formato de quadrinhos. Quanto ao sigilo da identidade, todas as crianças exprimiram o desejo de usarem seus nomes reais, o que foi corroborado por seus pais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Freire (2021b), ao apresentar a Pedagogia do Oprimido, trata da exclusão social, principalmente no campo da educação. Refere que o oprimido é o ser humano alijado de sua condição de “ser mais”, no sentido de realizar sua vocação e de pronunciar o seu mundo como sujeito. Neste sentido, contextualiza uma relação: a de opressores versus oprimidos. Para o autor a opressão não se apresenta como um ente à parte; ela está na relação, em uma estrutura que oprime. Ao se referir à educação bancária, por exemplo, refere que esta estrutura faz com que as pessoas sejam vistas e tratadas como “seres de adaptação, de ajustamento” (FREIRE, 2021b, p. 83).

A proposta de Freire (2021b) não está baseada na simples inserção do indivíduo na sociedade, e sim na transformação da estrutura opressora, uma vez que é inviável o processo de inclusão dissociado de uma modificação na ordem social, ou seja, toda a estrutura precisa ser reorganizada para que ocorra o exercício de humanização das pessoas oprimidas.

Com isso, a perspectiva de Freire (2021b) não está ligada à proposta de adequar as pessoas ao modelo de sociedade existente, mas sim à desconstrução dessa estrutura de tal maneira que reconhecer esse pertencimento promova aos excluídos a possibilidade de ação em prol da humanização e de se fazerem “seres para si”.

Nesse sentido, ao se pensar e buscar a prática dos processos de inclusão, esta não pode estar baseada apenas na simples acomodação ou ajustamento das pessoas na conjuntura social, como se elas estivessem de fora e, por isso, para serem incorporadas à sociedade considerada sã, haveria a necessidade de serem adequadas, adaptadas ou mudadas para que a inclusão ocorra.

Baseando-se no conceito de libertação de Freire (2021a), a estrutura opressora necessita de uma mudança profunda, uma vez que, ao ser suprimida a liberdade das pessoas, elas se tornam meramente ajustadas, não ocorrendo a verdadeira integração.

Fanon (2020a), estudioso que reflete sobre as questões da exclusão social imbuído da premissa da sociogenia, aponta as complexidades da vida social marcada pelo colonialismo, neocolonialismo e imperialismo. Ao pensar o mundo social e as experiências das pessoas negras, analisa as questões relacionadas ao adoecimento mental e denuncia a impossível separação das questões sociais das individuais:

[...] a análise que realizamos é psicológica. Continua no parecer evidente, contudo, que a verdadeira desalienação do negro requer reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo:

- econômico, em primeiro lugar;

- e, em seguida, por interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade.

[...] Veremos que a alienação do negro não é apenas uma questão individual, além da filogenia e da ontogenia, existe a sociogenia. (FANON, 2020a, p. 24-25).

Fanon (2022) conceitua os excluídos como “condenados da terra”, e é desta premissa que Freire (2021b) constrói sua concepção de oprimidos, chamando-os, no prefácio de sua obra, de “os esfarrapados do mundo”. Fanon (2022) se referia diretamente às pessoas que foram atingidas pela violência da colonização e da colonialidade, que vivenciaram e vivenciam na realidade concreta a violência da opressão.

Ao refletir sobre os excluídos pela loucura, Fanon (2020b) a conceitua como uma patologia da liberdade, em que a violência colonial adoce ao impedir que as pessoas colonizadas possam realizar o exercício da liberdade e da emancipação. Ou seja, a loucura resulta de uma alienação absoluta e de uma desumanização sistemática exercida pelo colonialismo e pela colonialidade, ultrapassa a patologia individualizada e lança mão da sociogenia como sua constituição.

Ao problematizar o adoecimento psíquico para além da lógica ontológica, Fanon (2020a, 2020b) questiona a concepção de homem universal e permite ao autor discutir a desumanização por meio da lógica antimanicomial e tendo em vista toda a violência presente na relação colonizador versus colonizado.

Fanon entende que a violência e a estratificação humana são estratégias de dominação da colonização e localiza a estratificação a partir das concepções de ser e não ser, a saber, quem é humano e quem não é. A violência como estratégia se justifica, a partir da concepção colonialista, por essa estratificação, uma vez que a desumanização, a coisificação permite a possibilidade de extermínio do não ser, exercido através da “morte do eu”, que pode ocorrer por meio, por exemplo, da institucionalização.

O termo “sociogenia”, descrito por Fanon (2020b), diz respeito à noção de uma patologia social, de um desvio coletivo que se inscreve no histórico e no material e está atrelado à noção de determinismo social. Segundo essa perspectiva, Nogueira (2020, p. 17) apresenta o racismo como uma estrutura que “integra um complexo sócio-histórico que está na base da formação da subjetividade, no núcleo da cisão colonial que determina quem está fora e quem está dentro”. Está ligado a processos de sociabilidade e subjetivação racializados, cuja distinção binária (branco versus não branco, colonizado versus colonizador) provê benefícios para uns e gera danos sobre outros. O autor discute, ainda, sobre as zonas do não ser, ou seja, do não sujeito, do objetificável, o que reforça a distinção do outro, sujeito de negação em diversas ordens — da liberdade, da terra, do nome, da língua, da história.

Na perspectiva sociogênica, ocorre a possibilidade de pensar na realidade social em que o ser humano colonizado está inserido para além da análise psicológica individualizada. O sociodiagnóstico compreende o sofrimento psíquico em um contexto histórico e social, o que, segundo Wynter (2001), escapa da definição puramente biológica da cultura a respeito do que significa poder ser humano. É um conceito central em toda a obra de Fanon (2020a, 2020b, 2022) e é a partir dele que o estudioso faz uma análise do colonialismo e de todo o impacto do mundo social sobre os sentidos humanos.

Partindo da questão sociogênica, Fanon (2020a, 2020b) busca revelar as lutas anticoloniais e decoloniais. Para que a liberdade ocorra, apresenta a necessidade de aprender a ser homem, ou seja, a libertação, para o autor, passa pelo processo de “desaprendizagem” do imposto pelo colonizador para que as pessoas possam aprender a ser homens e mulheres novos. Walsh (2013) apresenta esta noção como a pedagogia presente nos escritos de Fanon (2020a, 2020b, 2022). Assim, a humanização é central no processo de desumanização, de descolonizar-se e, por fim, de libertação, nos termos que:

A descolonização nunca passa despercebida, pois atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pelos raios luminosos da história. Ela introduz no ser um ritmo próprio, transmitido pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, na verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural; a ‘coisa’ colonizada torna-se homem no processo através do qual ele se liberta (FANON, 2022, p. 32-33).

Para o autor, a transformação social deve ser levada pelos colonizados, e essa libertação requer enfrentar a experiência de ser negro no mundo social, que ultrapassa a questão individual. Em suas palavras: “devo me lembrar a todo momento de que o verdadeiro salto consiste em introduzir na existência, a invenção. No mundo para onde estou indo, eu me crio incessantemente” (FANON, 2020a, p. 240-241, grifo do autor). Refere, ainda, que a transformação social só acontece por meio da luta, que deve ser travada em dois níveis: o objetivo e o subjetivo, uma vez que eles se condicionam e qualquer libertação baseada apenas em um deles é imperfeita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção tem como finalidade a costura entre teoria e prática, a partir da narrativa de vida de João e sua mãe Bruna. João é uma criança de 10 anos, estudante do 3º ano da Escola “Nova Aliança”, no Bairro da Pratinha em Belém/PA. Está matriculado na escola desde o ano de 2017, no Jardim I, quando tinha 5 anos. Reside com seus pais e sua irmã, a pequena Sophia, de 3 anos.

João é uma criança que, no início da pesquisa, apresentava uma fala monossilábica, mas que depois, ao se sentir à vontade, trouxe um pouco de sua realidade para que pudéssemos ouvi-la. Em suas primeiras falas, traz informações das relações estabelecidas na escola:

(1)

EN: E o que tu estudavas, João na escola, quando tu eras menor? Tu lembras?

JO: A gente não fazia nada. A gente só brincava, desenhava. A professora contava história para a gente. A gente podia trazer brinquedo, Saci, cuca. As histórias da lenda da Amazônia, várias coisas.

EN: E o que tu mais gostaste de aprender aqui na escola João?

JO: Matemática.

EN: Você gosta de matemática?

JO: Sim. (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022).

Com os professores:

(2)

EN: E tem mais algum professor que tu gostes muito?

JO: É... professor Fábio.

EM: E por que que o Fábio é legal?

JO: Porque ele fazia várias coisas com a gente. Desenho... Dever matemática... (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022).

Com os amigos:

(3)

EN: E tu tens muitos amigos aqui?

JO: Hum hum, vários.

EN: E tu sabes o nome deles?

JO: Alessandro, Carol, Luciane, Vitória, Vitor, Gabriel... é... Jonathan, Juninho...

EN: Nossa, são muitos, mesmo (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022).

E com sua família:

(4)

EN: E tu, tens irmãos?

JO: Uma irmãzinha.

EN: Qual é a idade dela?

JO: Dois aninhos.

EN: Então quando ela nasceu, você já tinha sete anos, não é? E como foi ter uma irmãzinha? Sendo filho único?

JO: Foi inesperado, foi bacana. Ela brinca comigo hoje. Ela anda atrás de mim. Quebra minhas coisas.

EN: ((risos)) E você fica com raiva dela?

JO: Não, porque ela é criança ainda.

EN: E você, mora com a sua mãe, com seu pai?

JO: Sim. (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022)

Ao narrar sua história, é possível perceber algumas das maneiras das quais João se apropria para falar sobre suas vivências e como identifica, explica e lida com as situações presentes nos domínios de sua existência examinados nesta pesquisa: as relações familiares e interpessoais e a experiência de escola e de formação como aluno (BERTAUX, 2010). Vamos verificar quais as formas que João encontra para lidar com as vivências de inclusão e exclusão na escola e com seu processo de ensino-aprendizagem. Porém, estas narrativas não se detêm somente a estes domínios, pois sua história considera questões relacionadas às instituições de saúde, que acabam se mostrando indissociáveis de seu processo de ensino-aprendizagem e de inclusão e exclusão social.

As primeiras relações estabelecidas são de usufruir as atividades propostas pela professora de Português, as quais, porém, não reconhece como de ensino. As atividades reconhecidas são as do professor Fábio de Matemática. Já quanto aos colegas, reconhece oito amigos, com os quais reconhece pelo nome e provavelmente brinca no recreio; quanto aos familiares, reconhece a irmã mais nova, com a qual brinca e cujo comportamento de quebrar suas coisas releva por ser mais nova, demonstrando relação amorosa.

Considero todas as relações estabelecidas até agora de inclusão, ou seja, de envolvimento entre os participantes de um tecido social, com amizade, reconhecimento, troca, aprendizagem e aceitação da forma que é e da forma de agir, sem querer controlar ou estabelecer uma relação autoritária de poder.

Durante a narrativa, João identifica algumas experiências, antes vividas de maneira mais passiva diante dos acontecimentos, e reorganiza seu papel de sujeito e as ligações que mantinha com as pessoas do seu universo relacional. Com isso, observa-se uma busca de adaptação ao novo a partir de seu processo de aprendizagem. Os trechos a seguir, de 5 a 7, de sua narrativa, retratam em parte a questão de enfrentamento dos conflitos na escola:

(5)

EN: E como foi João a primeira vez que tu entrastes aqui nessa escola?

JO: Foi estranho, porque eu nunca saía de perto da mamãe.

EN: E tu chorou?

JO: Chorei.

EN: Muito?

JO: Muito.

EN: E era só tu e tua mãe, o teu pai, né? Não tinha a tua irmã ainda? Mas e aí, como foi que tu foste te adaptando, tu lembra?

JO: A professora, ela era muito legal comigo e ela deixava eu desenhar. Ai eu já fui fazendo os amigos. Aí eu já me adaptei. (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022)

Este momento da vida de João corrobora com o que aponta Freire (2021a, p. 23), em que afirma que o homem se reconhece como sujeito na medida em que elabora o mundo e no mundo ocorre a mediação de autorreconhecimento, que “o personaliza e o conscientiza como autor responsável pela própria história. [...] Reencontrar-se como sujeito, e liberar-se, é todo o sentido do compromisso histórico [...] é a ‘prática de liberdade’”.

Freire (2019) refere ainda que o sujeito, ao conscientizar-se, torna-se apto para modificar a realidade. São nas vivências que se percebe não sendo apenas objeto da história, mas sujeito dela, ou seja, participante, protagonista. Assim, possui atribuições de reescrevê-la. É desta percepção que João se apropria ao adentrar a escola, um novo espaço, no qual percebe que pode fazer sua história. João fala de uma confiança na professora, e seu contexto narrativo nos apresenta exatamente todo o seu potencial de intervenção na nova realidade. Para Freire (2019), o sujeito da história constata, não para a adaptação, mas para a mudança. Ao constatar, a pessoa se torna capaz de intervir na realidade, uma empreitada que é mais complexa e geradora de novos saberes que o simples fato de se adaptar a ela.

Ao adentrarmos nas falas em que João explica seu contexto e suas vivências, ele nos traz a seguinte fala:

(6)

EN: E aqui na escola João, o que que tu não gosta?

JO: Quando as pessoas ficam fazendo muito barulho.

EN: Por que que tu acha que o barulho te incomoda?

JO: Porque atrapalha muito quando eu estou fazendo o dever.

EN: E que mais o que você não gosta, além do barulho?

JO: É... quando a gente faz história. Que eu não sei fazer história.

EN: Tipo uma redação?

JO: Não redação não, eu sei. Mas história não. Quando tem que contar uma história. (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022)

João apresenta o barulho como uma explicação para sua dificuldade de aprendizado. É uma situação que atravessa a questão do seu ensino-aprendizado, atrapalhando-o. Estudos como os de Henriques e Silveira (2017) apontam que, no contexto escolar, o barulho realizado por diversos fatores, inclusive o vozerio dos outros alunos, afeta negativamente a qualidade de vida dos educandos e o processo de ensino-aprendizagem. Dentre as questões apontadas pelas pesquisadoras, a redução no desempenho do aprendizado, que está principalmente ligada a dificuldades de atenção e concentração, cansaço e dores de cabeça, pode ter como consequência uma diminuição da autoestima, estimulando o isolamento da criança.

Essas questões podem ser um fator importante para João, uma vez que o binômio barulho e silêncio é muito presente em sua narrativa. Assim como o barulho se mostrou como um fator que dificulta seu aprendizado, o silêncio, apesar de João não o ter apontado diretamente como um problema, também surge como aspecto que dificulta seu aprendizado. O binômio barulho/silêncio pode ser considerado um agente de exclusão para João:

(7)

JO: É... Antes eu não falava com ninguém. Por causa que eu não conhecia ninguém.

EN: Mas por que que tu não falavas? Tu tinha medo de falar...?

JO: Não, eu era calado mesmo. Eu não falava com ninguém.

EN: Antes tu achavas que as outras pessoas, as outras crianças não gostavam de ti?

JO: Não. Não por causa que elas gostavam de mim, elas falavam comigo eu que não falava com elas.

EN: Então, no primeiro, no segundo, tu tinhas dificuldade de falar com as pessoas, né?

JO: Aham, até o terceiro.

EN: E aí? Como era? Tentar estudar, sem conseguir falar com as pessoas?

JO: Era bem silencioso.

EN: Silencioso?

JO: Aham.

EN: E tu conseguias prestar atenção na aula?

JO: Sim.

EN: Só não conseguia fazer pergunta, né?

JO: Não.

EN: Tu tinhas vontade de perguntar?

JO: Às vezes dá vontade de falar.

JO: É. Não sei. Eu acho que eu não era muito próximo deles. Aí eu não falava muito com eles.

EN: Tu precisas então de tempo para ficar próximo das pessoas, para falar com elas?

JO: As que eu não conheça. Talvez sim (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022, grifo nosso).

Podemos observar na narrativa de João que ele não se sentia confiante em falar com pessoas, seus prováveis colegas na escola. Como observaremos em uma próxima análise de sua narrativa de vida, esse problema está mais ligado a gerar uma autointerdição de sua fala. João pode se perceber como um oprimido e se sentia excluído do discurso, o que gerava o distanciamento social que vivenciava com seus pares, ao afirmar que não conhecia ninguém.

Para Freire (2021a), ao discutir o processo de submissão em espaços de grande domínio das relações humanas — como a escola —, refere como consequências o ajustamento e acomodação, que silenciam. Neste movimento, a inclusão não tem a possibilidade de acontecer. Outra consequência que podemos observar em João é a distância social, característica das relações humanas no grande domínio e que impede o diálogo. O diálogo, ao contrário, surge nas áreas abertas desenvolvidas na participação na vida comum: “a dialogação implica um mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas configurações oferecidas pelo grande domínio” (FREIRE, 2021a, p. 94), trazendo consequências à possibilidade de integração de João no sentido freiriano. Sem proferir sua voz, não há potencial de integração, de inclusão.

Neste ponto, podemos notar o impacto do silêncio no seu contexto escolar e de ensino-aprendizagem; mesmo sentindo vontade de se expressar, de fazer perguntas, João se sentia afastado de seus colegas, de seus professores, do contexto como um todo.

Para Freire (2021c), o conhecimento começa pela pergunta, pela curiosidade; ao se “impor” o silêncio, João não conseguia exercer sua curiosidade de ir em busca da construção do conhecimento, de ir em busca das respostas. Não sabemos afirmar se havia algum autoritarismo nas experiências educativas de João que reprimia sua capacidade de perguntar, mas podemos observar que não havia o estímulo, pois tudo era silencioso. Não havia o “barulho educativo” que o incitasse a descobrir “a relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão” (FREIRE, 2021c, p. 72).

Outra questão que João apresentou foi seu acompanhamento no CAPSi:

(8)

EN: E por que tu vai pro CAPSi?

JO: É por causa que eu tenho que aprender mais a me adaptar com outras crianças.

EN: É? E por que tu achas que te levaram para lá? Por que tu não te adaptavas bem as outras crianças?

JO: Aham.

EN: E como isso te deixava? Triste, alegre?

JO: Não. Agora eu estou falando mais com as pessoas. (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022)

Ao estimular João a trazer a narrativa de seu contexto emocional em relação a estas vivências, surpreendeu-me o fato de ele não tocar neste ponto, dando a impressão de que ele sentia, mas suprimia tais emoções, lidando apenas com seus aspectos positivos:

(9)

EN: Além de quando as pessoas fazem barulho João, tem alguma coisa além disso que te incomoda? Tem outra coisa que te incomoda aqui? Tu tens dificuldades de aprender as coisas?

JO: Não.

EN: Mas alguém já te disse que tu tens algum problema que tu precisas tratar?

JO: Não. Nunca.

EN: E tem algum momento, João, que você fica mais triste? Fica mais chateado? Tem alguma coisa que te faz ficar chateado?

JO: Não, eu não sinto, não. (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022).

podemos perceber que, ao nos apresentar sua narrativa de vida, João identifica e explica suas experiências, porém sua narrativa foca nas “boas vivências”. É apenas quando escutamos a

complementação de sua história trazida pela sua mãe Bruna que podemos perceber as dificuldades e sofrimentos vivenciados por João.

João, ao ser indagado sobre como ele explica as suas dificuldades de aprendizagem e seu sofrimento psíquico, não fala delas com detalhes, apenas se detendo ao fato de ainda não conhecer as pessoas.

(11)

JO: É... Antes eu não falava com ninguém. Por causa que eu não conhecia ninguém.

EN: E alguma vez alguém já fez alguma coisa que você não gostou contigo? Já fizeram bullying contigo?

JO: Não, eles fazem normal, eles não fazem nada. (Entrevista com João, 06 de setembro de 2022).

Por fim, ao escutarmos a mãe de João em uma entrevista de apoio, ela apresenta com mais detalhes o contexto de vida João, algumas explicações para seu sofrimento psíquico e como ele está lidando com este. Na entrevista, percebemos que João, apesar de não falar diretamente de seu sofrimento, está lidando com ele focando em seus aspectos positivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escutar a narrativa de João, pôde ser identificado as interligações que o binômio inclusão e exclusão exercem sobre sua vida. Assim, ao pensar em uma educação inclusiva na perspectiva de uma educação para todos, como apontado pela perspectiva freireana, verifica-se que o agir, a partir de uma práxis libertadora, deve significar interagir com vários enunciados sociais, pois atribuir o sucesso escolar somente à prática pedagógica dos educadores, ignorando o sistema em que estamos inseridos, é simplificar demais a análise do problema e desconsiderar uma série de outras variáveis de ordem institucional, sistêmica, política e mesmo pessoal, que igualmente contribuem para que o quadro das exclusões se agrave.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, D. **Narrativas de vida:** a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

CANTWELL, D. Psiquiatria infantil: introdução e panorama. In KAPLAN, H.; SANDOCK, B. (org.). **Tratado de Psiquiatria.** Porto Alegre: Artmed. 1999. p. 2345-2348.

DELORY-MOMBERGER, C. **As histórias de vida:** da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

FATORI, D., *et al*, Prevalência de problemas de saúde mental na infância na atenção primária. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 23, n. 9, p. 3013-3020. abril 2018.

FANON, F.; GERONIMI, C. Internação diurna na psiquiatria: valores e limites (2). *In*: FANON, F. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ebu, 2020.

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, F. **Peles negras, máscaras brancas**. São Paulo: Ebu, 2020a.

FANON, F. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ebu, 2020b.

FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 de março de 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 50. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 80. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021b.

KENDALL, P. C.; COMER, J. S. **Childhood disorders**. 2. ed. London: Psychology Press, 2010

NORONHA, E.; GOMES, A; YAMAGUCHI, K, Cartilha sobre o distúrbio de ansiedade e a dificuldade no aprendizado. **Scientia Naturalis**, v. 4, n. 2, p. 660-671, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SciNat/article/view/6194>. Acesso em 19 de março de 2023.

ROCHA, M. M.; *et al* Behavioural/emotional problems in Brazilian children: findings from parents' reports on the Child Behavior Checklist. **Epidemiology and Psychiatric Sciences**, v. 22, n. 4, p. 1-10, 2013. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/epidemiology-and-psychiatric-sciences/article/abs/behaviouralemotional-problems-in-brazilian-children-findings-from-parents-reports-on-the-child-behavior>. Acesso em 17 de março de 2023.

SANTOS, H. S.; VASQUES, A. T. Z.; AZEVEDO, G. N. Transtorno de ansiedade na infância: alterações cognitivas e os impactos na aprendizagem escolar na terceira infância. **Psicologias em Movimento**, v.2, n.1: jan-jul, 2022. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaSEPsicologias/article/view/854/574>. Acesso em 17 de março de 2023